



## UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA ANÁLISE DO DISCURSO DA MÚSICA "ULTRAVIOLENCE"

Paulo Eduardo Santos Garcez - Centro Universitário Faculdade Assis Gurgacz<sup>1</sup>

Giovana Martinewski Pereira – Centro Universitário Faculdade Assis Gurgacz<sup>2</sup>

Rafaela Maria Louza Da Silva- Centro Universitário Faculdade Assis Gurgacz<sup>3</sup>

Margarete Aparecida N. Braga– Centro Universitário Faculdade Assis Gurgacz<sup>4</sup>

### RESUMO

A Análise do Discurso de linha francesa é uma ciência que se propõe a estudar o discurso, analisando o contexto de produção constituído pelo momento social, histórico e político em que ele é produzido, assim como por todos os elementos extratextuais do mesmo. Esse contexto é fundamental para no exercício da leitura e da compreensão discursiva. O presente estudo discute a temática da violência de gênero, abordada na música “Ultraviolence”, da cantora internacional Lana Del Rey. O discurso proposto permite que se analise o papel submisso que muitas mulheres assumem em suas relações conjugais na contemporaneidade. Sob a perspectiva da Análise do Discurso, busca-se identificar a posição ideológica do enunciador, sinalizada pela materialidade linguística do texto. A análise discursiva do texto é viabilizada por conceitos amplamente discutidos pela análise do discurso. Essa pesquisa visa, sobretudo, uma reflexão acerca de discursos que apresentam um cotidiano feminino emergente na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso, gênero, ideologia.

### 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa representações e papéis de gênero na música “Ultraviolence” da artista Lana Del Rey, considerando os pressupostos teóricos da análise do discurso. Essa pesquisa sustenta-se nos pressupostos teóricos da

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Letras Português/inglês do Centro Universitário Assis Gurgacz

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Letras Português/inglês do Centro Universitário Assis Gurgacz

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Letras Português/inglês do Centro Universitário Assis Gurgacz

<sup>4</sup> Docente do curso de Letras Português/inglês do Centro Universitário Assis Gurgacz



Análise do discurso, de linha francesa. Essa vertente linguística permite que se pense no discurso como fator histórico, ideológico e socialmente construído e, no sujeito, como construção histórica e ideológica, resultante de uma dada formação discursiva e ideológica constitutivas desse sujeito que, não é totalmente livre e tampouco assujeitado, mas construído em suas múltiplas relações sociais. O discurso não pode ser analisado fora do quadro social que o engendrou. Desse modo, qualquer atividade interpretativa precisa levar em conta os entornos desse discurso, suas margens, tudo aquilo que propicia o aparecimento de um enunciado.

O corpus dessa pesquisa é constituído pela letra da música, associada à biografia da autora, compreendida em seu contexto histórico. O discurso constitutivo dessa música remete às angústias femininas sobre amor, romance, identidade e ansiedade relacionadas à condição histórica e social das mulheres no contexto contemporâneo. É relevante considerar o contexto de produção no qual a cantora e seus interlocutores estão inseridos, assim como as influências sociais que levaram a cantora a escrever sobre a violência contra a mulher e os relacionamentos abusivos, correlacionando às angústias da mulher em todas as épocas. Suas músicas apresentam relações de submissão, que evidenciam as decepções vividas pela mulher em suas relações conjugais.

O momento histórico é um fator crucial para que um texto seja compreendido, atrelado a esse momento tem-se a voz necessária para se chegar ao entendimento do que o texto propõe. Bakhtin (2003) nos auxilia a pensar o texto em sua dimensão histórica e social, materialidade viva da linguagem.

O discurso, qualquer que seja, reflete o seu meio social, pois é nesse meio que ele ganha existência, confirmando ou refutando questões ideológicas predominantes em dadas formações discursivas. Por vezes o discurso se materializa pela autoafirmação, como ocorre na música em análise. O choque com a realidade favorece a sua indignação.

O presente trabalho organiza-se em dois momentos: a apresentação dos pressupostos teóricos que delineiam essa análise e a apresentação e análise do corpus dessa pesquisa.



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Análise do Discurso: uma reflexão sobre o discurso

A Análise do Discurso surgiu nos anos 1960 do sec. XX, na França e, mais tarde, em outros países com diferentes performances. Trata-se de uma vertente linguística relacionada à psicanálise, à linguística e ao Marxismo. É uma ciência que se propõe a estudar o discurso, entendido como “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 1999, p.15).

Compreende-se, dessa forma, que o discurso não é algo estático, fixo e imutável. Para que ele seja entendido em seu sentido mais amplo é preciso levar em conta o momento social e histórico em que foi produzido, as condições sociais, culturais e políticas de produção, por quem foi produzido e a qual público se destina. Sendo movimento, o discurso sofre alterações de sentido e de funcionalidade, dependendo do lugar onde é produzido, as condições de produção, o sujeito que enuncia.

Analisa-se o sujeito que enuncia e o seu interlocutor, pensando o sujeito com base na releitura de Freud feita por Lacan. O sujeito é um ser dividido entre o consciente e o subconsciente, pois muitas vezes o discurso que o propagado parte do seu subconsciente, isso mostra que o sujeito não tem consciência de tudo que diz.

Em concordância, Orlandi esclarece que:

O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo com elas o afetam. Isso redundará em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 1999, p.20).

Como se pode constatar, o sujeito é compreendido como um ser disperso, uma vez que se produz em meio aos discursos sociais e históricos, não tendo controle sobre o que pensa e o que diz, pois como afirma Pêcheux (1975) não existe discurso sem sujeito e nem sujeito sem discurso, portanto ideológico, porque pensar o discurso é pensar o sujeito como um ser ideológico, nunca neutro.



A Análise do Discurso não procura uma verdade escondida no texto, o que ela quer é discutir o movimento que o sujeito faz para ler um texto como lê. Nessa perspectiva, a AD trabalha o texto não apenas como uma soma de frases ou orações, assim como:

[...] não trabalha com os textos apenas como ilustração ou como documentos de algo que já está sabido em outro lugar e que o texto exemplifica. Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade (ORLANDI, 1999, p.18).

Entendendo que a linguagem não é transparente, a AD propõe que se pense nas várias interpretações possíveis para um texto. Se a linguagem não é transparente, significa que nem sempre o que se diz, é, de fato, o que foi dito. Muitas vezes se constrói o sentido pela negação ou pela autoafirmação. A linguagem, nesse sentido, diz mais em seus silêncios que em suas revelações.

O texto é mais que um sistema de signos organizados para transmitir informações, uma vez que é um objeto de posicionamento ideológico que significa, levando em conta o homem e seu contexto histórico. Nesse sentido, Orlandi afirma que “para encontrar as regularidades da linguagem em produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade” (1999, p.16).

A exterioridade diz respeito a todos os elementos extratextuais que podem proporcionar a interpretação do texto: o autor, sua posição social e ideológica, o local de produção e circulação, o público ao qual se destina, fatores políticos e ideológicos, entre outros.

Conforme Orlandi (1999), na A.D., a ideologia se materializa no discurso, o discurso por sua vez, materializa-se na língua. De acordo com as reflexões de Orlandi (1999), baseadas em Pêcheux, para haver um discurso, é necessário haver um sujeito e todo sujeito possui ideologia. Portanto, a ideologia tem uma existência material.

A língua, para a A.D., também é considerada como acontecimento, visto que emerge em eventos interativos que propiciam o aparecimento de um discurso. Assim, rompe-se com a compreensão de língua apenas como estrutura. Sendo



acontecimento entende-se que ela se flexibiliza em função dos propósitos de quem enuncia. Isso revela que a escolha dos termos, gírias, construções sintáticas nunca são aleatórias, pois já revelam uma dada posição ideológica.

Ao passo que a linguística trabalha a língua como estrutura, uma transmissão de signos linguísticos necessários para que haja comunicação, ignorando a historicidade. A AD entende a língua como a expressividade ideológica do sujeito (ORLANDI, 1999):

[...] diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informações. (ORLANDI, 1999, p.21)

Os dispositivos de interpretação são importantes para a AD, isto é, o modo, o percurso que o sujeito realiza para interpretar o texto como interpreta. Os estruturalistas, porém, referem-se somente ao que o texto diz, detendo-se na decodificação dos signos. Quando é feita apenas a compreensão, Orlandi (1999) afirma que o texto é inteligível, que bastando saber o idioma no qual o texto foi escrito torna-se possível lê-lo, mas não interpretá-lo. Interpretar seria analisar para além do visível, levando em conta os fatores ideológicos para que se entenda o texto com discurso:

Feita a análise e tendo compreendido o processo discursivo, os resultados vão estar disponíveis para que o analista os interprete de acordo com diferentes instrumentais teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu (ORLANDI, 1999, p.28).

A compreensão da linguagem como fenômeno ideológico é relevante para qualquer análise discursiva, uma vez que todo discurso é prática da linguagem, que concilia o discurso aos fatores ideológicos, sociais, culturais, políticos, com a realidade social e o sujeito. Essa mediação possibilita a transformação do homem e de sua existência. Isso mostra que nenhum discurso é neutro.

Na AD, não se preocupa com a língua enquanto sistema, e sim da compreensão dessa língua em determinado contexto, constitutivo da história do homem. Ela foca no entendimento, no fazer sentido, possibilitando que diversos





significados sejam aflorados. Assim, os precursores da AD se interessam pela linguagem enquanto forma específica, particular de veiculação de ideologia. Ao enunciar, o sujeito se coloca como sujeito, assumindo diferentes posições e ideologias em conformidade com os propósitos de cada situação de interação.

Dentre os conceitos relevantes que atuam na análise discursiva estão as condições de produção e o interdiscurso. Quando se pensa nas condições de produção restritamente, refere-se ao contexto instantâneo da enunciação; no sentido amplificado abrange o contexto sócio-histórico, ideológico, os sujeitos, a situação discursiva desencadeada historicamente. Assim, o discurso não se constrói sobre si mesmo, mas sobre o outro.

Orlandi (1999) destaca que “as relações de força” são constitutivas do modo como as condições de produção do discurso se estabelecem. De acordo com as relações de força, o lugar social do qual falamos marca o discurso com a força da alocação que esse lugar representa. O lugar de onde o sujeito enuncia tem força na relação de interlocução e isso se manifesta na posição do sujeito.

Dessa forma, as condições de produção manifestam-se nos sujeitos e conforme a posição social, já que as palavras, conscientes ou não, revelam o posicionamento ideológico do sujeito. Os discursos revelam as diversas vozes que o constituíram, incluídas em diversas formações discursivas, tornando-se relevantes em um determinado contexto histórico e ganhando novos sentidos sempre que utilizadas.

Todo discurso produz efeitos distintos de sentido de acordo com as condições de produção, a formação ideológica e discursiva do sujeito. Uma análise discursiva precisa, portanto, considerar o lugar de concretização das formações ideológicas, entendendo-as em sua relação crítica com os fatores sócio-históricos que a produzem.

Segundo Orlandi, “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (1999, p.43). É nesse processo que os discursos se moldam, (re) produzindo diferentes ideologias, pois é no interdiscurso que se retomam os discursos já feitos e esquecidos, que



contribuirão para determinar o que dizemos. A memória discursiva é o saber, ainda que inconsciente, que se faz executável em todo dizer.

O interdiscurso refere-se, portanto, ao diálogo que os discursos possuem uns com os outros, pois nenhum dizer é único na cadeia discursiva. Um discurso é sempre produzido em meio a outros ditos, ou seja, pelo já dito em algum momento histórico. Isso indica que não existe um discurso totalmente novo, por si só e de uma única fonte, pois todo dizer sustenta-se em outros dizeres.

Analisar o interdiscurso é fundamental para se compreender “o funcionamento do discurso, a sua relação com os sujeitos e com a ideologia” (ORLANDI, 1999, p.32), entendendo-se que todo novo dizer inscreve-se no já dito.

Considerando-se esse aporte teórico, analisaremos, na sequência a música “Ultraviolence”, de Lana Rey, considerando-se as suas relações discursivas.

### **3. CORPUS DA PESQUISA**

#### **3.1 Análise do Discurso presente na música “Ultraviolence”**

Antes de nos determos à música em análise, apresentaremos alguns dados biográficos que julgamos relevantes para essa análise. A artista e cantora Lana Del Rey costuma abordar sentimentos de amor, romance, nostalgia, tristeza e melancolia em suas músicas.

A adolescência da artista foi marcada por indisciplina, dependência do álcool e internamento clínico. A carreira musical teve início em 2005, aos 17 anos, quando a cantora, compositora e modelo gravou o álbum "Sirens" e começou a publicar seus vídeos no YouTube. O sucesso internacional veio com a canção “Video Games”, lançada em 2011, parte do álbum “Born to Die”.

Segundo o site Ldra Lana Del Rey teve influências foram The Eagles, Leonard Cohen, Nancy Sinatra, Eminem, Walt Whitman, The Crystals e Amy Winehouse. A cantora já vendeu cerca de oito milhões de discos pelo mundo, o que revela a proximidade de seu discurso com os anseios do público que a prestigia.



A música “Ultraviolence”, objeto dessa análise, foi lançada em 17 de junho de 2014, inserida no álbum homônimo da cantora. Com o lançamento dessa música, apresenta-se ao cenário musical uma forte crítica aos relacionamentos abusivos, a violência contra as mulheres e ao comportamento passivo de figuras femininas em relacionamentos perigosos.

O discurso presente nessa música faz emergir um levante de discussões a respeito de relacionamentos abusivos e de violência contra a mulher, tema que transcende a data de lançamento da música. A composição traz à tona essa discussão de modo frio e naturalizado. Pode-se dizer que esse discurso revela um caráter crítico justamente por confirmar uma realidade que se tende a ignorar. O público ao qual a música se destina já está acostumado com o estilo da cantora, assim como aqueles que se debruçam sobre a sua composição para analisá-la de forma mais profunda. É perceptível a forma como a enunciativa interpreta suas canções de forma sensual e teatral, com o intuito de mostrar como relacionamentos perigosos podem ser distorcidos na sua melodia envolvente.

O próprio título escolhido exprime o sentimento que permeia a melodia e traduz a experiência da frágil personagem criada pela cantora. Ela também faz referência a um termo utilizado por Anthony Burgess, em seu livro *Laranja mecânica*, publicado em 1962. No livro, que se passa em um futuro distópico, o autor faz uso do termo ultraviolence para descrever o comportamento violento do personagem principal e de seus amigos, que espancavam bêbados moradores de rua e idosos, e abusavam sexualmente de mulheres em suas próprias casas. Esse comportamento é apresentado no livro como fruto da sociedade em que os personagens estavam inseridos, da mesma forma pode-se dialogar com o contexto histórico em que a música foi produzida com a sua letra e com o papel histórico da mulher na sociedade. É oportuno observar como a cantora fez bom uso dessa referência com o refrão “This is ultraviolence (Isto é ultraviolência)” e finalizando a canção com “Give all of that ultraviolence (Dê-me toda essa ultraviolência) ”.

A música é um enunciado que aponta para um discurso construído historicamente e socialmente, por um sujeito histórico e coletivo que (re)afirma um cotidiano de violência contra a mulher.





Segundo dados do CDC<sup>5</sup>, 93% dos casos de violência de gênero são cometidos por namorados, maridos ou amantes. Essa pesquisa realizada entre os anos de 2003 e 2014 desmente a ideia de que um país de primeiro mundo não sofre com violência de gênero. E comprova a importância da discussão do tema. Com base nesses dados, pode-se entender a realidade desnudada pela música, favorecida pelas condições sociais que propiciaram o aparecimento e a apreciação desse discurso, talvez pelo fato de ele revelar o óbvio, rompendo com o silêncio que oculta a violência doméstica praticada contra a mulher.

O enredo apresentado pela música revela uma sociedade machista com uma ideologia dominante que coloca as mulheres em posição de submissão. Lana Del Rey responde a esse contexto fazendo uma espécie de crítica velada, pois apesar da música parecer romantizar a violência doméstica, o fato de ser cantada em primeira pessoa dá margem para interpretar-se que a personagem está, na verdade, pedindo por ajuda. Trata-se de uma mulher que chegou a um nível de submissão possível no atual contexto onde a violência é tolerada. Isso comprova-se como sendo a expressão do amor.

Entende-se que Lana Del Rey interpreta o momento social em que vive sob o olhar das vítimas de relacionamentos abusivos. Ela entende o ciclo vicioso em que a personagem vive e faz um relato que, justamente por naturalizar o fato, surpreende o leitor. O discurso revela a vida de mulheres que foram criadas em um contexto machista, com núcleos familiares patriarcais e de como sofrem porque são criadas para reproduzir um modelo falho de amor idealizado. Percebe-se com isso que esse amor romântico que começou a tomar forma no século XVI com a peça “Romeu e Julieta” de Shakespeare ecoa na atualidade de um modo bem menos mistificado, bem mais real e por isso mesmo, cruel.

A história vivida pela personagem da música pode ser interpretada como uma ode ao amor, ou, ainda, como uma crítica à inconstância dos jovens com relação ao amor, uma advertência aos impulsos que os jovens estão sujeitos, da mesma forma em uma leitura superficial a cantora aparenta romantizar a violência, o que também pode ser entendido como uma crítica explícita sobre o ciclo vicioso dos

---

<sup>5</sup> Center for Disease Control and Prevention



relacionamentos abusivos. O discurso atribui voz à dor e ao silêncio das vítimas, que muitas vezes desconhecem sua própria condição de exploração.

Na letra da música “Jim brought me back, reminded me of when we were kids (Jim me trouxe de volta, me lembrou de quando éramos crianças)” sugere-se que Jim remetia à figura feminina uma volta ao cenário infantil, uma vez que agia como se fosse seu pai, com total autonomia para executar castigos físicos sempre que julgasse necessário.

Em um dos excertos da música, a cantora introduz a informação do apelido pelo qual o homem chama a figura feminina da música: “He used to call me Poison, like I was Poison Ivy”<sup>6</sup>. Hera venenosa é uma anti-heroína de histórias em quadrinhos que, segundo o site Legião dos Heróis<sup>7</sup>, ganhou um grande destaque com a ascensão do movimento feminista por ser uma personagem independente. Ao mostrar ao interlocutor a forma como o homem chamava a mulher, a enunciativa observa que o homem se sente ameaçado no momento em que a mulher adota uma postura determinante, portanto, pode-se sugerir que ele utiliza este vocativo num tom pejorativo, considerando o fato de que Poison Ivy é uma vilã, para reprimi-la. Porém, para que esse diálogo do texto com os fatores extratextuais faça sentido, é necessário que haja conhecimento acerca da personagem citada, pois, conforme Orlandi (1999), a leitura não é transparente, uma vez que “Não há verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender” (ORLANDI, 1999, p. 26).

Uma outra parte intrigante da música é esta: “I could have died right there, 'cause he was right beside me”<sup>8</sup>. A cantora, nessa parte da música, evidencia a forma como a mulher agredida passa a admirar o agressor e a aceitar a violência normalmente. A própria mulher diz que aceita morrer pelo simples fato do homem estar ao seu lado, de ser seu companheiro. Essa aceitação cega naturaliza a violência e anula a luta da mulher. No momento em que esse fato é romantizado causa indignação no interlocutor, mostrando um sofrimento tornado “aceitável”.

<sup>6</sup> “ele costumava me chamar de Veneno, como se eu fosse a Hera Venenosa”.

<sup>7</sup> <https://legiaodosherois.uol.com.br>

<sup>8</sup> “eu poderia ter morrido lá, porque ele estava bem ao meu lado”.



Entende-se, portanto, que as crenças, aspirações e conjecturas da personagem da música são transmitidas ao público em forma de discurso. O discurso carrega a ideologia do sujeito e é utilizado a fim de a expor através da língua, “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 1999, p.17).

De acordo com Orlandi (1999), o inconsciente se manifesta por meio da linguagem e a ideologia se substancializa no discurso. No excerto “Jim told me that, He hit me and it felt like a kiss<sup>9</sup>” mostra que quando o parceiro da protagonista a tocava de forma agressiva, ela já estava tão acostumada a isso que sentia como se fosse algo bom.

A memória suscitada pelo discurso faz parte do interdiscurso, isto é, uma teia de discursos socialmente materializados, que mostram a mulher nessa condição de submissão e assujeitamento. No trecho “I can hear sirens, sirens [...] I can hear violins, violins<sup>10</sup>.”, este fornece falares que influenciam o que o sujeito significa em determinada conjuntura discursiva cedida. A união entre o feio e o belo em um relacionamento não-saudável. As “sirenes” indicando o perigo, e os “violinos” simbolizando a beleza do relacionamento sob o olhar feminino. A maneira como a experiência violenta é sentida depende da percepção de quem a sofre. Ademais, não deve ser limitada a fatores sociais, culturais, históricos e subjetivos, pois, independentemente, não deve ser considerado algo normal mesmo podendo ser concebido a partir desses. (GUIMARÃES e PEDROZA, 2015).

O esquecimento número um do discurso ou esquecimento ideológico é fruto do inconsciente, resulta, portanto, da ideologia, pois retomamos percepções já existentes. Os sentidos se constituem surgindo em nós, destarte, significam da forma como estamos inseridos na história e na língua (ORLANDI, 1999). A protagonista assujeita-se a esse comportamento, mesmo que inconscientemente. Em “Jim raised me up, He hurt me but it felt like true love<sup>11</sup>”, nota-se a visão inofensiva da mulher, julgando sentir um amor verdadeiro num ato de violência do

<sup>9</sup> “Jim me disse isso, ele me batia e eu sentia como se fosse um beijo”.

<sup>10</sup> “Eu consigo ouvir sirenes... eu consigo ouvir violinos...”

<sup>11</sup> “Ele me levantou, ele me machucou, mas eu senti como se fosse amor verdadeiro”



parceiro. Na sequência “Jim taught me that, loving him was never enough<sup>12</sup>” reforça-se novamente, a submissão da mulher. Nessa mesma linha de raciocínio “Loving you was really hard<sup>13</sup>” novamente narra a dificuldade em satisfazer o seu parceiro, o quanto se esforçava para agradá-lo e como era difícil conseguir isso.

Em toda a letra da música, temos a mulher numa condição de passividade, ante os desejos de seu companheiro que lhe impõe os seus desejos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Análise do Discurso propõe que se pense o discurso como uma prática social, flexível e adaptável ao contexto, uma vez que só existe na interação do sujeito com a sua realidade social. Consiste em analisar as margens de um texto e a partir disso compreender as construções ideológicas presentes. A ideologia apresentada na música (re)produz valores do atual contexto político-social no qual a música foi produzida, circula e propicia a identificação do sujeito, seja com a autora, com o tema da música ou com o ritmo. Todo discurso provoca efeitos distintos de acordo com as condições de produção e de circulação. Isso demonstra que é a relação da história, com o sujeito e com a ideologia que contribui para que determinados discursos tenham aceitação ou não em determinados contextos e períodos históricos, pois discurso é o meio pelo qual a ideologia ganha existência.

Diante do exposto, podemos perceber que interpretar um texto como discurso significa analisar seus entornos, assim como o percurso que o leitor faz para ler um texto como lê.

Conforme a AD seria um erro afirmar que existe uma verdade oculta atrás do texto, o que existe são vontades de verdade. Daí a relevância dos dispositivos de interpretação que possibilitam ao leitor interagir com o texto, relacionando-o a todos os fatores que propiciaram a sua produção.

---

<sup>12</sup> “Jim me ensinou que amar ele nunca era o suficiente”.

<sup>13</sup> “Amar você é era muito difícil”.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORLANDI, E.P. **Análise do Discurso**: Belo Horizonte: Pontes, 1999.

Guimarães, M. C. & Pedroza, R. L. S. **Violência contra a mulher: Problematicando definições teóricas, filosóficas e políticas**: Universidade de Brasília, Brasil, (2015).

<https://www.antena1.com.br/artistas/ana-del-rey> acesso em: 10 nov. 2018.

<http://dra.com.br/2015/11/08/12-das-grandes-influencias-de-ana-del-rey-confira-o-artigo-da-rolling-stone/> acesso em: 11 nov. 2018.

<https://legiaodosherois.uol.com.br/lista/10-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-a-hera-venenosa.html> acesso em: 18 nov. 2018.

<https://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/eua-93-dos-assassinos-de-mulheres-sao-seus-parceiros-amorosos/> acesso em: 20 nov. 2018.